

**GUERREIROS DO HORIZONTE EM FORMAÇÃO – UMA EXPERIÊNCIA DE
CONSTRUÇÃO DE ALTERIDADE.**

Carina Santiago dos Santos¹
Educatora Associação Horizontes

Resumo:

A construção do eu como carro chefe de uma transformação social, que culmina no ingresso e permanência no mundo do trabalho, é o que se pretende aqui apresentar. O uso de teóricos que defendem a utilização das vivências dos jovens como ponto de partida para o desenvolvimento da criticidade é de total relevância na fundamentação e desenvolvimento deste projeto de trabalho aplicado em uma oficina de Atendimento ao Cliente – primeira etapa. O relato de experiência tem como meta compartilhar vitórias e anseios vividos no Consórcio da Juventude – Aroeira 2007.

Palavras-chave: multidimensionalidade, cotidiano, juventude.

Considerações iniciais:

“A ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que
ponto é invisível à invisibilidade do visível.”

Michel Foucault

Num país como o Brasil o desafio de eliminar formas discriminatórias que geram desigualdades sociais torna-se ainda mais complexo na medida em que o processo de exclusão social aqui instalado encontra seus fundamentos tão consolidados que inspiraram a sua realimentação e permanecem ainda hoje fortemente arraigados no universo simbólico de sua população.

Tal situação indica que leis que proíbam e punam a “discriminação” nas suas mais diversas facetas não são suficientes para promover a igualdade. E, mais, que é preciso passar da defesa de uma igualdade abstrata e meramente formal para uma igualdade substantiva, que

¹ Educadora da Associação Horizontes, Centro/Florianópolis – Vespertino. Historiadora formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

tratando de forma diferente os desiguais, consiga proporcionar a todos a igualdade de oportunidade.

Nesse sentido toda a sociedade hoje deve somar esforços na busca de novos fundamentos capazes de engendrar um modelo mais justo de relação entre os homens cujo resultado seja a constituição de uma nova sociedade. Esse processo não se realiza sem a luta que os seus integrantes travam entre si e consigo mesmo, luta que abrange todas as instâncias e todos aqueles que comprometidos com a transformação, participam da produção de propostas mais adequadas às novas necessidades históricas.

Em Santa Catarina, especialmente em Florianópolis que é nosso foco de ação, estas lutas também se fazem presentes. A situação excludente da capital do estado não é fruto apenas das últimas décadas vividas. Podemos identificar ações de diferenciação social desde quando Florianópolis ainda se confundia com Nossa Senhora do Desterro: por trás da crescente preocupação com a saúde pública, havia a diferenciação social que se mostrou ainda mais presente com a proclamação da República. Os costumes locais e as pessoas posicionadas à margem dos padrões vistos então como os desejáveis para o progresso da cidade eram associados à idéia de atraso, remetendo a Desterro. Essas pessoas eram vistas como passíveis de adquirirem e transmitirem as doenças que se proliferavam. Para isolar esses costumes e essas pessoas, os espaços urbanos foram reclassificados por meio de reformas que, aos poucos, afastaram a população de Desterro para as periferias e morros, deixando o centro para a população da nova Florianópolis, marcada pelos casarões das tradicionais famílias que dominavam a política local. A população excluída era formada principalmente por pessoas pobres, como as lavadeiras e os pescadores. Além disso, os descendentes de portugueses e africanos também estavam incluídos nessa população afastada, pois seus hábitos e as funções que exerciam não serviam para a imagem que agora seria montada da capital do estado².

As políticas de diferenciação social continuam existindo, por meio, além da evidente forma econômica, das delimitações dos espaços destinados a determinados grupos sociais. Muitas vezes, as fronteiras que demarcam esses territórios tornam-se permeáveis e grupos sociais se misturam. Com o crescimento da cidade, esta mistura de espaços é cada vez mais freqüente e tensa, haja vista o abismo social existente entre a elite e as populações moradoras da região de "morro" e comunidades economicamente desfavorecidas da Grande Florianópolis.

Enfim, a problemática das desigualdades no Brasil, paulatinamente tem deixado de fazer parte, exclusivamente, do discurso acadêmico e militante para, sob diversas formas, tornar-se um ponto de debate na opinião pública e fazer parte dos esforços para elaborar um conjunto de políticas públicas eficientes que instaurem a cidadania plena em nosso país.

² ARAÚJO, Hermetes Reis. Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana. História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis: Estudos Contemporâneos, 1999.

O Aroeira – nome dado pelo Centro Cultural Escrava Anastácia para o Consórcio Social da Juventude em Santa Catarina – Projeto do Governo Federal realizado nas capitais brasileiras através do Ministério do Trabalho/MTE – Primeiro Emprego – tem por objetivo gerar empregabilidade e permanência de adolescentes e jovens de comunidades periféricas no mundo de trabalho, através de capacitação profissional adequada que lhes possibilite igualdade de condições ao competir por uma vaga na voracidade que se apresenta hoje no mundo do trabalho. Na Região da Grande Florianópolis, o Consórcio está sendo executado com o empenho de diversas entidades com experiência em Terceiro Setor. Neste artigo, particularmente, apresento uma experiência ocorrida sob os domínios da Associação Horizontes – entidade que tem por missão promover a geração de trabalho e renda e a elevação da escolaridade através da educação e como meta ser reconhecida, nacionalmente, como a Organização mais competente em geração de oportunidades de trabalho e elevação de escolaridade³.

Este artigo tem por objetivo compartilhar com os leitores uma experiência vivida no Consórcio Social da Juventude – Aroeira 2, através da executora Associação Horizontes, com um grupo de vinte e cinco jovens de diversas comunidades carentes de Florianópolis. Aqui se apresentam as vitórias e anseios na luta pela transformação da realidade social vigente no país.

Trabalhar no Aroeira exige, num primeiro momento, que o educador compartilhe das idéias do projeto pedagógico e que seja um sonhador empenhado que consiga ter forças e persistência para não desistir frente os desafios que se impõe na caminhada do projeto. Que os veja, inclusive, como objetos e temas para continuar e experimentar novas possibilidades de caminhos e ações em busca do encaminhamento dos jovens para o mundo do trabalho. Que faça deste processo um percurso de autoconhecimento e conhecimento da alteridade⁴, que procure a medida entre o profissional e o afetivo. Enfim, que encare o Aroeira como um momento único de transformação social e sua concepção como projeto de vida. Para os que vêm das Ciências Humanas e desempenharam atividades em projetos de extensão universitária, alinhar-se com a educação popular é fácil e fundamental.

Compreendo aqui educação popular aquela pautada nas idéias de Paulo Freire que trabalhava com o objetivo de mais que educar, conscientizar as pessoas de sua importância social, portanto, desempenhava um papel pedagógico crucial socialmente falando: desenvolvimento da cidadania de modo organizado com o intuito de realmente transformar a realidade social, fazendo da educação uma ferramenta de liberdade. Neste sentido, Gadotti nos afirma que:

³ www.ah.org.br

⁴ Aqui inspirado em H. Arend.

As práticas de educação popular também constituem-se em mecanismos de democratização, em que se refletem os valores de solidariedade e de reciprocidade e novas formas alternativas de produção e de consumo, sobretudo as práticas de educação popular (...). O Terceiro Setor está crescendo não apenas como alternativa entre o Estado burocrático e o mercado insolidário, mas também como espaço de novas vivências sociais e políticas (...). Este está sendo hoje o campo mais fértil da educação popular⁵.

Por outro lado, sabemos que a escola tem assumido o modelo de sociedade vigente, perpetuando a situação de ignorância do povo seja por assumir uma postura elitista de conduzir o processo de aquisição de conhecimento seja por destituir seu fazer pedagógico de sentido e conteúdo. Perante esta necessidade de educar, é necessário pensar no que ensinar para conseguir construir cidadãos críticos. Esta é uma questão complexa de ser respondida, pois envolve preocupações que vão além do conteúdo, abrangendo também formas e objetivos do processo educativo.

Na historiografia também percebemos uma mudança na forma de compreender o processo histórico através da incorporação de novos sujeitos históricos⁶. Ao analisar os costumes populares ingleses sobre este novo prima, o Thompson "reexamina o velho material há muito recolhido e faz novas perguntas, procurando recuperar costumes e as crenças que os embasavam" e intima a academia inglesa a rever seus conceitos ultrapassados e antiquados. Neste momento, inaugura e põe sobre alicerces bastante sólidos um novo modelo de estudo, estudo este que nos propicia um outro entendimento da História e que foge dos discursos oficiais e unilaterais, provenientes dos detentores do poder e nos leva a reflexões muito mais amplas em todos os campos do estudo histórico.

Sustentando-se na perspectiva thompsoniana, Michelle Perrot vê na economia a única fonte das relações sociais. Em seu texto *Os Excluídos da História*, apesar de lidar com a indústria e a relação patrão/empregado, trabalha também com os que até então não fizeram parte do processo histórico. Procura trazer à tona novos sujeitos históricos, abrindo novas fontes de engajamento político no presente e construindo uma nova memória social que se fundamenta na experiência vivida.

Quando se quer um novo modelo de educação, não é mais possível adotar paradigmas e modelos que não dão conta das demandas impostas pelas constantes e aceleradas transformações deste mundo interligado pelas diversas mídias, principalmente via internet. A globalização é cada vez mais voraz e corrosiva para os que já se encontram à margem das

⁵ GADOTTI, M. PERSPECTIVAS ATUAIS DA EDUCAÇÃO. São Paulo Perspectiva. v.14 n.2 - abr./jun. 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php/Ing_es - acesso em 2005.

⁶ A idéia aqui não é aprofundar o debate em historiografia mas apenas enriquecer o texto e apontar que História e educação caminham em um mesmo sentido.

'benesses' oferecidas pelo processo econômico, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil.

As novas concepções de educação, as quais estão ligadas ao processo de ensino educativo trazem à tona o sujeito, enquanto agente ativo da construção do conhecimento. Cabe ao educador levar em consideração as experiências e as particularidades de seus jovens, para chegar ao seu objetivo, emocioná-los fazendo-os sentir-se sujeitos da "história". Desta forma, a quantidade de temas lecionados de forma displicente dá lugar a uma "cabeça bem feita", tema abordado por Edgar Morin para justapor a qualidade perante a quantidade. Enfim, ensinar de forma educativa é construir cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade em que vivem.

O uso de Edgar Morin como teórico principal de um projeto pedagógico faz com que o educador entre em choque com tudo aquilo que fez parte de sua formação acadêmica, principalmente no que diz respeito à fragmentação do conhecimento e especialização contínua do profissional em questão. A escolha foi proposital, pois a proposta de Morin é bastante inovadora e propõe uma reformulação de pensamento. Tudo aquilo, até então tido como parâmetro, cai por terra. Nos traz a possibilidade de construção de um novo paradigma que vai além do 'campo' da educação, pois pensa o ser humano enquanto parte de um cosmos, com o qual interage e é responsável por deixá-lo harmônico.

Quando apresenta o conhecimento como multidimensional e indissociável, o autor nos confunde, uma vez que aprendemos a fragmentar e não a ter uma visão sistêmica do saber. Aqui pretendemos reaprender a questionar e no retorno da dúvida e da curiosidade, lançar mão de instrumentos norteadores do pensar por si e do espírito problematizador.

Quando nos damos conta de que uma nova maneira de ensinar e aprender é possível, ou seja, que podemos produzir conhecimento de modo amplo e irrestrito, o modelo educacional vigente fica obsoleto e incapaz de responder aos nossos anseios. Cabe ao educador incutir em seus procedimentos esta nova visão e trabalhar para entendê-la plenamente, pois também fomos educados no modelo que privilegia a separação e análise em detrimento da ligação e síntese. Também se apresenta como desafio para nós a construção de uma metodologia capaz de dar conta desta nova demanda que se apresenta.

Como de praxe em qualquer início de atividade, é preciso conhecer o grupo com quem iremos desenvolver nossas atividades e conviver durante o decorrer destes seis meses de projeto. Para que as atividades tenham sentido e atinjam seus objetivos, é preciso ter em mente as preferências e habilidades dos jovens do grupo. Também é preciso desenvolver um laço de afetividade que sensibilize o jovem e os tragam para mais perto de nós educadores.

Numa primeira análise, feita com base em dados obtidos em dinâmicas aplicadas ao grupo, os percebi bastante heterogêneo e tímido. São jovens da região do Maciço, Nova Esperança e Morro da Caixa do continente, têm entre dezesseis e vinte anos e contamos com

apenas quatro meninos no grupo. Também constatei que existem diferentes graus de escolaridade, desde o ensino fundamental incompleto até o ensino médio completo; a grande maioria cursa o ensino médio regular, mas temos jovens que frequentam supletivos de educação de jovens e adultos.

Nesta idéia de construção do sujeito é que se pautou o projeto desenvolvido com os jovens nesta primeira etapa de atividade do Consórcio. Para dar conta desta proposta, é preciso usar seus cotidianos como instrumento primeiro para iniciar o processo de qualificação profissional. Neste sentido, a oralidade aparece como 'abre-alas' no processo de letramento⁷, transformando assim o cotidiano em instrumento efetivo de transformação do quadro em que se encontram⁸.

Como forma de estudo do cotidiano, pretendo adotar o viés utilizado por Maria Odila Leite da Silva Dias⁹, que defende a hermenêutica do cotidiano enquanto atitude do pesquisador diante da vida e da História, sua busca pelos papéis provisórios, informais, peça chave na apreensão das múltiplas temporalidades vividas pelas pessoas. Tempos nem sempre lineares tratados enquanto ruptura da situação vigente e possibilidade de provar modos de ser.

O estudo do cotidiano ou o exercício de uma hermenêutica do cotidiano tem como objetivo essencial dar foco às experiências concretas das pessoas ditas comuns e através delas perceber a transformação, a ruptura e, acima de tudo, as possibilidades de novos modos de ver e ser, que não aqueles instituídos geralmente por uma elite que tem o poder da palavra. Assim, não se captura apenas o prescritivo, mas igualmente, estes modos informais e marginais através dos quais os que não estão diariamente nos jornais podem se inserir na história enquanto sujeitos.

Quando o educando é capaz de perceber-se enquanto agente histórico responsável pelo mundo em que vive, pode se inserir e permanecer no mercado de trabalho, daí a importância do autoconhecimento.

Também lançarei mão da História Oral enquanto método, pois a realidade é social e culturalmente construída. Aqui pretendo usar as falas dos jovens como pedras de um mosaico que forma um desenho qualquer, dependendo exclusivamente da criatividade do artista. Ao dar voz para jovens, entramos em contato com falas que já nos chegam como discursos.¹⁰

Marilena Chauí, no prefácio do livro anteriormente citado, vai ao encontro das idéias de Ecléa Bosi quando sustenta que lembrar não é uma repetição e sim uma reaparição, sofrendo assim ressignificações. Estas são frutos de nossas posturas perante a vida e da seletividade de

⁷ Quando uso letramento nesta frase, carrego-o de mais sentidos que o letramento enquanto conhecimento das letras e domínio da leitura e da escrita. Aqui esta palavra assume significado mais amplo uma vez que procura também apontar para competências necessárias para o ingresso e permanência no mercado de trabalho.

⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. Revista Projeto História, nº 17. São Paulo: Educ/ Programa de Estudos de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999. DIAS, Maria Odila Silva.

⁹ Idem.

¹⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. 3ª ed. SP: Cia das Letras, 1994. p.82.

nossas memórias. Deste modo, a narração das vivências apresenta detalhes de um momento histórico, de modos de vida que não aparecem nos documentos escritos.

Na primeira etapa do projeto, chamada de Construção do eu, atividades voltadas para o desenvolvimento de consciência corporal e política dos jovens foram a base do trabalho no espaço ensino-aprendizagem. Assim, pensando a sala como um lugar de produção de conhecimento, o conteúdo precisa partir dos problemas contemporâneos, voltar ao passado buscando experiências que permitam compreendê-los e trabalhar conceitos que auxiliem na compreensão e na atuação da/na realidade do aluno e do mundo de trabalho¹¹.

Como ponto de partida deste projeto desenvolvemos atividades que os fizessem pensar de modo coletivo e individual no mundo, cidade e bairro em que vivem e qual o papel que desempenham em cada uma dessas esferas. Neste instante aparece o desafio para o educador: como incutir no jovem este novo pensamento? Como tirá-lo da inércia da informação que aparece pronta? Como fazê-lo reconhecer o todo dentro da unidade e a unidade dentro do todo? Morin caminha com o raciocínio de que a partir da reestruturação dos princípios organizadores do conhecimento (separação, análise, síntese e ligação), é viável a mudança de posicionamento diante da construção de conhecimento:

Com o auxílio do saber acadêmico, o professor é capaz de conduzir, como mediador, a construção de um saber que é proveniente das experiências pessoais e do que foi apresentado em classe. Desta forma, cada um é capaz de realizar as ressignificações que lhes são cabíveis tentando justapor a quantidade de temas apresentados por qualidade de discussão, gerando assim um melhor aproveitamento¹².

No espaço ensino-aprendizagem propus que os jovens, antes de reformularem este pensamento, fizessem um processo de 'localização' dentro desde cosmos por meio do autoconhecimento. Desse modo, desenvolvemos atividades voltadas para as particularidades de cada um, do grupo, da cidade e assim ampliando as esferas e possibilitando que comecem a perceber, naturalmente, que tudo se relaciona e é o todo.

Dirigir os temas trabalhados para o mundo de trabalho é fundamental para que tenhamos, desde o início, jovens conscientes de seus papéis e do que precisam para ingressar no mundo do trabalho, cada vez mais voraz e exigente, como os próprios jovens apontam:

¹¹ Aquí mundo do trábalo está de acordo com a concepção do projeto do Aroeira: empreendedorismo e geração de emprego formal.

¹² Trecho retirado do projeto de fevereiro/ março.

Estamos muito longe do céu e de nossos sonhos, temos muitas etapas para passar e objetivos para realizar. Sabemos que vamos alcançar o céu através de nossos esforços, basta somente ouvir nosso coração e ter coragem para enfrentar todos os fantasmas, decepções e retirar as pedras do caminho.¹³

Como produtos desta primeira etapa de trabalho, apresento aqui algumas atividades desenvolvidas com os jovens, baseadas na proposta de trabalho contida no projeto acima descrito.

A primeira ação foi a de criar uma identidade coletiva para o grupo. Para tanto, depois de uma semana de atividades voltadas para interação do grupo, os jovens foram organizados no espaço em pequenas equipes previamente escolhidas por mim; equipes estas formadas para que as panelinhas que estavam se configurando pudessem ser desfeitas. Houve resistência num primeiro momento a forma como as equipes foram divididas, mas logo toparam o desafio de conviver por uma semana com pessoas diferentes das habituais até então. Procurei salientar que eles não são obrigados a gostar de ninguém mas que tem o dever de respeitar qualquer pessoa que freqüente o ambiente de trabalho. Após esta primeira divisão, propus que elaborassem um texto e um nome para as equipes, que seriam depois postos em votação para o grande grupo; daí surgiram os Guerreiros do Horizonte, com seu rap do Horizonte, construído coletivamente e eleito através de votação dentro do grupo:

“Se liga meu irmão no que eu vou te falar
Sou do AROEIRA e vim pra somar
Somos um elo da corrente que é ruim de quebrar
Aqui no Projeto tamos aprendendo pra caramba, se liga aqui
não é a Disneylândia
Somos guerreiros do rap, Guerreiros do Horizonte, então venha
formar e faça parte deste bonde
Que só tem mina firmeza que não usa seu corpo pra sair da
pobreza
Os manos são guerreiros, lutamos lado a lado
A Carina é firmeza, sem palavras aquele abraço!”

Estes são os Guerreiros do Horizonte! A construção de uma identidade de grupo, fez com que os jovens se sentissem parte integrante do processo pedagógico, que vai ao encontro da proposta de protagonismo juvenil, defendida enquanto modelo e concepção teórica adequada para o Aroeira, sendo assim o nosso suleador.

¹³ Fragmento de um texto construído em grupo em uma das dinâmicas propostas aos jovens.

Os jovens se concentraram nas atividades e as desenvolveram com muito empenho, com raras exceções. Debruçaram-se na elaboração de seus pergaminhos, segundo produto desta etapa. O pergaminho, foi um nome adotado no espaço de ensino-aprendizagem, nome este sugerido por um dos jovens do grupo. A idéia deste trabalho era de fazer com que os jovens transferissem para o papel um pouco de suas histórias de vida; que pusessem no curto espaço de um papel pardo, escolher imagens, frases e o que mais achassem pertinente, para lhes apresentar sem que palavras fossem necessárias. Lidaram bem com os poucos matérias de suporte que tínhamos disponíveis, souberam dividir e senti um entrosamento nunca antes visto no espaço oficina-escola. O resultado do trabalho foi maravilhoso não apenas pelo produto palpável mas principalmente pela integração gerada entre o grupo.

Como terceiro produto, apresento o memorial escolar. Nesta atividade, foram estimulados para que refletissem acerca das vivências no meio escolar, para que pudessemos diagnosticar e apreender as expectativas, anseios e angústias dos jovens com seus espaços de educação formal: rodaram? Por que? São oriundos de escolas públicas ou particulares? E assim por diante. Além de tomar contato com suas rotinas escolares, fragmentos de suas vidas particulares aparecem a todo tempo durante as narrativas com que tomei contato. Reforçando assim, a multiplicidade do sujeito defendida por Morin, carro chefe do projeto de trabalho.

Além dos produtos palpáveis, também pude perceber que os jovens tiveram uma elevação na auto-estima, na criticidade perante o mundo e na construção da alteridade. Sendo assim, penso que a proposta de trabalho alcançou minimamente seus objetivos.

A experiência aqui relatada nesta primeira etapa do Aroeira, meu propiciou o convívio um número incontável de sensações e aprendizados nunca anteriormente vivenciados. A possibilidade de aprender a desenvolver um projeto de trabalho e lidar com as angústias no decorrer do seu desenvolvimento também ajudam na sensação de que as experiências vividas foram extremamente enriquecedoras para mim, como pessoa e profissional.

Saber que meu trabalho é responsável por geral transformação social da realidade em que vivo, mesmo que com poucos jovens, faz com que me sinta agente histórico ativo e consciente do meu papel social.

Referências:

ARAÚJO, Hermetes Reis. Fronteiras internas: urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: BRANCHER, Ana. História de Santa Catarina: estudos contemporâneos. Florianópolis: Estudos Contemporâneos, 1999.

AROEIRA – Proposta Pedagógica, agosto/2006

AZIBEIRO, N. E. Educação Intercultural e Comunidades de Periferia – limiares da formação de educador@s, Florianópolis: 2006. – Tese de Doutorado.

_____. Que Cara tem o Aroeira? – uma contribuição à sistematização de uma prática de educação popular e inclusão cidadã. Florianópolis: CEPEC, 2006.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de velhos. 3ª ed. SP: Cia das Letras, 1994. p.82

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. Revista Projeto História, nº 17. São Paulo: Educ/ Programa de Estudos de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999. DIAS, Maria Odila Silva.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, M. PERSPECTIVAS ATUAIS DA EDUCAÇÃO. São Paulo Perspec. v.14 n.2 - abr./jun. 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php/Ing_es - acesso em 2005.

MORIN, E. (2004). A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Projeto Político Pedagógico – Centro Cultural Escrava Anastácia, agosto/2006.

PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001.

THOMPSON, E.P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Organizadores: Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1998.